

Bubalinocultura no Estado do Pará

Water buffalo breeding in Pará State

Natalia Guarino Souza Barbosa

Doutoranda em Ciência Animal – Escola de Veterinária da UFMG, Belo Horizonte, MG

Correspondência: Denise@vet.ufmg.br;

Núcleo de Bubalinocultura, Escola de Veterinária da UFMG, *Campus* da Pampulha, Cx postall 567, CEP 31270-901, Belo Horizonte, MG -Tel: (31) 3499-2172/2178, Fax: (31) 3499-2168

Resumo

Embora apresente o maior rebanho bubalino do Brasil, o Estado do Pará ainda possui muitos entraves à produção racional de búfalos. No entanto, alguns criadores já vêm desenvolvendo trabalhos isolados, visando a melhoria dos rebanhos. Para que ocorra mudança da situação ora vigente, faz-se necessário que criadores, pesquisadores, extensionistas e autoridades estaduais aliem-se em busca de soluções, aumentando não apenas a quantidade de animais, mas também sua qualidade.

Palavras-chave: Búfalos, Estado do Pará.

Abstract

However presenting the biggest water buffalo herd in Brazil, the Pará State still have many obstacles to the rational production. Nevertheless, some breeders are developing isolated works, aiming the improvement of the herds. To promote a real change in this situation, breeders, researchers, extortionists and the state authorities must have to be allied finding the solutions, working to raise not only the quantity of animals, but also its quality.

Keywords: *Water buffalo, Pará State*

Introdução

Possuindo 50% do rebanho brasileiro de búfalos o estado do Pará ainda não possui dados produtivos relevantes nesse setor. Caracterizar todo o Estado é uma missão difícil e longe do objetivo desse artigo. As informações aqui publicadas possuem um caráter sobretudo pragmático, reflexo de treze anos de contato com a região; além de alguns dados advindos de pesquisas, ainda restritas sobre o tema.

O objetivo desse trabalho, portanto, é informar sobre a situação atual da bubalinocultura paraense, procurando despertar interesse de pesquisadores, produtores, extensionistas e poder público para incrementar os estudos e as práticas produtivas dessa espécie animal e, principalmente, ater as atenções ao que não dá mais para ser ignorado.

O Pará



Figura 1. Estado do Pará destacando-se o Marajó
Fonte: Folha online.

O Estado do Pará (Fig. 1), situado na região norte do Brasil, possui uma área de 1.248 mil Km² ou o equivalente a 14,66% do território nacional. Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro, juntos, somam 14,5% (Atlas ..., 2005). O Pará possui características de interesse econômico relevantes como: a maior hidrelétrica brasileira, o maior arquipélago flúvio-marítimo do mundo, o maior complexo de minério de ferro do mundo, extensas áreas produtivas, infra-estrutura boa, porto estratégico, além de ser o quinto maior produtor de bovinos e o maior produtor de bubalinos do país.

O Pará possui 19 rios que cortam o Estado, e mais 16 afluentes, quase todos navegáveis (Pará. SEPOF, 2005).

Segundo dados de 2003 do IBGE o efetivo do rebanho bubalino no Pará aproxima-se das 500 mil cabeças com crescimento de 22,5% entre 1998 e 2003. Em Minas Gerais e no Brasil, no mesmo intervalo, houve um crescimento de 32,9% e 12,9% respectivamente.

O estado possui 143 municípios, dentre os quais encontram-se 16 do arquipélago do Marajó onde estão localizados 50% dos búfalos do Pará.

Portanto, o Pará possui 50% do rebanho bubalino brasileiro, e, o Marajó possui 50% do rebanho do estado, logo, conclui-se que o maior rebanho bubalino brasileiro está localizado no Marajó. Justificando-se então uma pequena apresentação dessa região.

O Marajó

O Marajó é a maior ilha flúvio-marítima do mundo com 49.606 km², sendo maior do que estados como Rio de Janeiro, Alagoas, Sergipe e Espírito Santos (Atlas ..., 2005). Na verdade é um arquipélago formado por 16 municípios, a saber: Soure (capital), Cachoeira do Arari, Ponta de Pedras, Muaná, Breves, Bagre, Portel, Melgaço, Gurupá, Afuá, Chaves, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, Curalinho, São Sebastião da Boa Vista e Anajás que possuem enormes fazendas de gado, tecnologias ultrapassadas herdadas de tempos em que a pecuária nacional possuía diferentes características, e, um rebanho bubalino responsável por mais de 50% do estado. A população de búfalos é maior do que a população humana na ilha (394.810 habitantes), segundo dados da SEPOF (Pará. SEPOF, 2005).

O arquipélago dista 87 Km de Belém e só é possível chegar até lá através de transporte fluvial (lancha, navio e balsa) ou de avião. O custo fica entre R\$ 9,50 a R\$ 150 dependendo do transporte escolhido (valores cobrados em 2005). O transporte por lancha, dentre os fluviais, é o mais rápido e o segundo mais barato, levando cerca de duas horas para completar o percurso Camará-Belém. De Soure à Camará são aproximadamente mais 30 minutos. Dependendo da maré, o navio e a balsa (para travessias de carros e afins) levam cerca de quatro horas entre o Marajó e Belém.

Segundo Cardoso e Pereira (2002) o clima da ilha segundo a classificação de - Köppen é a do tipo tropical chuvoso Am, com precipitação média anual de 2500 mm, temperatura média de 27°C, umidade relativa de 85% com pluviosidade distribuída em dois períodos distintos: um de máxima de Janeiro a Junho e outro de mínima de Setembro a Novembro. A maior intensidade das chuvas, no entanto acontece de fevereiro a maio e é tamanha que dois terços de Marajó ficam completamente alagados.



Fotos: Lago Ararí período seco e período chuvoso.
Fonte: Teixeira Neto, EMBRAPA-CPATU.

Os búfalos são encontrados em todos os lugares da ilha. Em fazendas: para a produção de carne, leite e trabalho; e nas cidades: soltos pelas ruas ou ajudando em funções municipais como coleta de lixo e patrulhamento policial.

Dados da SAGRI - Secretaria de Agricultura do Pará constataram que o Marajó produziu 11.617 mil litros de leite no ano de 2003, advindos de 23.195 cabeças. Considerando-se oito meses de lactação poder-se-ia dizer, então, que em 2003 a média produtiva do rebanho leiteiro da ilha foi em torno de 2,08 l/dia. Ressaltando que a média encontrada refere-se a média leiteira de animais criados na ilha, contudo animais de produções mais

elevadas são encontrados, produzindo quantidades acima de 10 Kg de leite por dia, no início da lactação. Nas estatísticas não há diferenciação entre leite bovino e bubalino, contudo existem poucos animais leiteiros na região de outra raça que não a bubalina (Pará. SAGRI, 2005). Parece pouco, por isso faz-se necessária a exposição de alguns fatores:

Principais fatores limitantes da bubalinocultura no Marajó

Fator 1) Cerca

A maioria das fazendas não possui cercas, o que impossibilita o controle do rebanho e a utilização de técnicas produtivas. A principal justificativa dos produtores gira em torno do tamanho das fazendas que são bastante extensas, algumas chegam a ter mais de 10.000 ha, além do que como essas propriedades são constantemente alagadas há a necessidade de cercas adequadas a essa situação. Vale ressaltar que a água não sobe apenas alguns centímetros do solo, mas pode atingir alguns metros quando influenciada pelas águas dos rios. O custo de implantação é extremamente elevado contra a baixa capacidade empreendedora do produtor local.

Fator 2) Sanidade

A baixa sanidade do rebanho é ocasionada pela falta de manejo adequado, função direta à falta de cercas. A partir disso diversos fatores negativos ocorrem em cadeia: animais acometidos por zoonoses que perdem todo o seu valor, pois são descartados; há falta de padronização dos produtos lácteos, devido à falta ou baixa efetividade da higiene de ordenha; baixo ganho de peso, dentre outros.

O Marajó encontra-se na atualidade em zona de alto risco para febre aftosa em que a venda, para fora da ilha, encontra-se proibida para outro fim que não o abate em até 24 horas. Um dos principais fatores que contribuem para isso é o fator alagamento advindo da alta taxa de pluviosidade. Como chove muito no mês de maio (um dos dois meses do calendário nacional para a vacinação dessa zoonose) os produtores se justificam através das dificuldades na contenção dos animais nos currais e/ou no recolhimento dos animais que se encontram dispersos pelas mais diversas propriedades a procura de alimento. Portanto a maioria dos produtores vacina seu rebanho contra a febre aftosa somente no mês de novembro, período das secas.

O problema da febre aftosa parece ter seus dias contatos já que a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (AdePará) tem efetuado campanhas de vacinação com doses da vacina subsidiadas pelo governo, em períodos de baixa pluviosidade (Avicultura ..., 2005)

Fator 3) Características físicas vs. Escoamento da produção

Dentre os principais fatores que afetam negativamente a produção leiteira no Marajó está o fator físico em si. As fazendas estão distantes da capital, Soure, e o único transporte possível é o fluvial, onde barcos movidos a motor “popopo”, como denominado na região em alusão ao barulho feito por eles, levam horas para chegar até Soure. As fazendas leiteiras mais próximas distam cerca de duas horas até a capital. De Soure até o porto de Camará, de onde saem os transportes para Belém são mais trinta minutos, e de Camará para Belém, como informado anteriormente são de duas a quatro horas, dependendo do transporte. Logo **NÃO HÁ COMO ESCOAR A PRODUÇÃO** de leite in natura para Belém, nas condições atuais em que se encontra a ilha do Marajó. Já existe laticínio introduzido na ilha, contudo com a higiene rudimentar durante a ordenha e a falta de sanidade do rebanho, o maior problema passa a ser a padronização do produto, problema esse que já está em fase de elucidação através de trabalhos conjuntos entre produtores e pesquisadores de instituições federais de ensino e pesquisa.

Fator 4) Energia elétrica

O resfriamento do leite passa a ser uma técnica inviável, já que boa parte das propriedades não possui energia. Por conta disso, os produtores possuem três alternativas: 1) Há ordenha visando a produção de queijos - principalmente o requeijão marajoara; 2) Não há a ordenha dos animais, deixando o leite em sua totalidade para os bezerros ou 3) Há a ordenha, porém o produto é dado aos funcionários e seus familiares, utilizado pelos produtores e o restante do **LEITE É JOGADO FORA**. Infelizmente esse último é o mais comum

Esses são os motivos pela falta de informações sobre a produção leiteira no Marajó. Leite há, o que não há é como escoar a produção. Esse é um problema que possui solução, mas que fica inviável sem o apoio governamental e o interesse dos produtores.

Situação atual

O rebanho marajoara

O rebanho bubalino marajoara é composto pelas raças Múrrah, Jaffarabadi e Mediterrâneo, assim como

seus mestiços. A raça Carabao e o tipo Baio ainda são encontrados na ilha; contudo, segundo Cassiano *et al.* (2003), a raça Carabao o o búfalo tipo Baio (que não é considerado raça pela Associação Brasileira de Criadores de Búfalos - ABCB) estão em risco de extinção e descaracterização. Ainda segundo os autores o Baio possui características interessantes à pesquisa.



Foto: Rebanho Marajoara período seco com cerca rudimentar
Fonte: Elizabeth Cardoso, UFRA

Quanto ao rebanho da ilha, os animais são criados soltos em pastos, em sua maioria nativos, normalmente desprovidos de cercas ou com cercas rudimentares. Um dos capins predominantes é a canarana verdadeira (*Echinochloa polystachya*) que pode atingir até dois metros de altura e é bastante aceito pelo gado, tendo uma produção de matéria seca variável de 9,891 a 9,675 Kg MS/ha/ano com 9,8 % de PB e 59,1% de FDN (Camarão e Marques, 1995). Costa (2004) informa que essas plantas possuem a capacidade de produzir folhas sobre a camada de água, ou permanecerem dormentes quando submersas, possuindo qualidade superior as pastagens nativas de terra firme. Já Cardoso e Pereira (2002) informa que são três os tipos de capins nativos no Marajó dos quais apenas um, localizado em área restrita, é de alta disponibilidade e de boa qualidade nutricional, encontrado em áreas permanentemente alagadas, tolerando níveis de água de até dois metros de altura por quatro meses e meio. Ainda segundo a autora as duas outras variedades encontram-se nas partes mais altas da ilha e nas partes periodicamente alagadas e são de baixa disponibilidade e de composição nutricional reduzida.



Fonte: Autor desconhecido



Fonte: Sebastião Barbosa

A água na ilha é salobra o que reduz o consumo voluntário de sal pelos animais.

Existem muitos animais de qualidade genética, possivelmente com grau de mestiçagem baixa ou até inexistente, mas que devido ao manejo inadequado não demonstram sua aptidão no balde ou na balança. Um exemplo prático disso pôde ser observado na fazenda Xingu, localizada no município de Santa Isabel do Pará que possui dados zootécnicos registrados, dentre os quais o controle leiteiro.

O proprietário da fazenda citada adquiriu animais marajoaras ao longo dos anos, tendo interrompido essa atividade após a proibição da comercialização pela ADEPARÁ (órgão vinculado à Secretaria de Agricultura) de animais marajoaras para fins reprodutivos. A seleção dos animais foi feita em função da produção mínima de cinco quilos de leite diário, comprovados durante a ordenha por pesagem, onde animais de meio e final de lactação eram preferencialmente selecionados, visando assim a aquisição de animais com boa produção assim como permanência dessa produção ao longo da lactação. Ao serem direcionados a propriedade onde receberam manejo nutricional e sanitário, esses mesmos animais aumentaram suas subseqüentes produções leiteiras em até 18 Kg/dia (os da raça Mediterrânea) e 8 Kg/dia (os da raça Múrrah) em inícios de lactações de 240 dias, com uma ordenha diária e suplementação de cevada e capim elefante no período noturno, enquanto no período diurno esses animais eram mantidos a pasto com capim quicuio (*Brachiaria humidicola*), com suplementação mineral. Sem suplementação noturna, no entanto, as mediterrâneas começaram a lactação com média de 5,5 Kg/dia e terminaram, após oito meses, com produção diária de 2,9 Kg/dia. Trabalhos de melhoramento genético estão sendo feitos com esses animais marajoaras e a previsão é de haja aumento da



produção leiteira nas próximas gerações.

O descrito anteriormente demonstra que há animais de boa genética na ilha, mas que precisam ser selecionados e melhorados objetivando índices de alta produtividade.

Contudo, nem todos os animais da ilha são de qualidade, boa parte do rebanho possui características deletérias advindas, sobretudo, do alto grau de consangüinidade. Em virtude disso há a necessidade urgente de seleção do rebanho bubalino marajoara. No Marajó há quantidade o que não implica dizer que há qualidade de animais.

O rebanho paraense

Comentado o rebanho marajoara resta mencionar o restante 50% dos animais distribuídos nos mais diversos municípios do estado que não aqueles do arquipélago.

A realidade fora do Marajó é bem mais promissora. Existem produtores direcionando seus rebanhos tanto para fins produtivos quanto reprodutivos.

Existem animais excelentes produtores tanto de carne quanto de leite, com destaques no primeiro segmento para o X-Búfalo e o Arlequim, ambos do município de Bujarú, recordistas em ganho de peso, que chegaram a atingir 540 e 498 Kg respectivamente, aos 15 meses de idade em regime alimentar exclusivo a pasto. Dentre os dois, o Arlequim aparece como uma excelente opção melhoradora da raça Múrrah, pois possui doses de sêmen disponíveis para a comercialização no CEBRAN (Castanhal-PA) o que permite sua difusão além porteira.

Quanto a produção de leite há o destaque para o rebanho de produtores dos municípios de Santa Isabel do Pará, Nova Timboteua e Ipixuna, onde animais de excelente padrão racial já estão produzindo acima de 12 kg de leite/dia em uma ordenha diária, com suplementação de baixo custo. As próximas gerações devem aumentar ainda mais essa média diária já que esses animais estão em programa de melhoramento genético com introdução de genes advindos de animais de comprovada linhagem leiteira. Em futuro próximo dados produtivos poderão ser analisados e comprovados não apenas do rebanho desses produtores, mas também de outros situados em outros municípios, principalmente quando houver por parte dos produtores o interesse em realizar controles leiteiros oficiais.

Maior rebanho brasileiro, os bubalinos paraenses encontram-se localizados principalmente na ilha do Marajó, cujas características físicas dificultam a produtividade da atividade.

O búfalo encontra-se bem adaptado a região, onde bons exemplares produtores de carne e leite são encontrados em todo o estado. O melhoramento genético dos rebanhos paraenses é ainda discreto, contudo há propriedades se especializando nesse tema e em breve poderão sair exemplares importantes para o melhoramento não apenas do rebanho regional como também do nacional.

Faz-se imperioso que produtores, pesquisadores, extensionistas e autoridades estaduais aliem-se em busca de soluções para a bubalinocultura paraense, visando atingir destaque não apenas pela quantidade mas, principalmente pela qualidade de seu rebanho.

Referências bibliográficas

Atlas Geográfico do Brasil Melhoramentos. Disponível em <<http://biblioteca.uol.com.br/atlas/tabelas/estadareapop.htm>>. Acesso em 10/05/2005.

Avicultura industrial. Disponível para consulta http://www.aviculturaindustrial.com.br/site/dinamica.asp?id=9779&tipo_tabela=noticias&categoria=clipping. Acesso em 10/05/2005.

Camarão AP, Marques JRF. *Gramíneas nativas de terra inundável do trópico úmido brasileiro* Belém: EMBRAPA/CPATU, 1995. 62p. (Documentos, 81).

Cardoso EC, Pereira WLA. Mineral deficiency of buffaloes from Marajó Island, North of Brazil: current situation and perspectives. *In: Buffalo Symposium of Americas*, 1, 2002, Belém, PA. *Proceedings...* Belém: ABCB/APCB, 2002. p.47-55.

Cassiano LAP, Mariante AS, Mcmanus C, Marques JRF, Costa NA. Caracterização fenotípica de raças bubalinas nacionais e do tipo Baio. *Pesq Agropec Brás*, v.38, p.1337-1342, 2003.

Costa MNX. *Desempenho de duas gramíneas forrageiras tropicais tolerantes ao estresse hídrico por alagamento em dois solos glei húmicos.* Piracicaba:, 2004. 89p. Tese (Doutorado em Agronomia) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

Pará. Secretaria de Agricultura - SAGRI. Disponível em <<http://www.sagri.pa.gov.br/dados.htm>>. Acesso em 20/05/2005.

Pará. Secretaria Executiva de Planejamento, Orçamento e Finanças - SEPOF. *Estado do Pará em números.* Disponível em <http://www.sepof.pa.gov.br/seplan/paraemnumeros.htm>. Acesso em 20/05/2005.